

INFLUÊNCIAS DA ORALIDADE NA PRODUÇÃO DE TEXTO DE JOVENS ADOLESCENTES

Silvana Aparecida Batista e Almeida
Professora de Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado- Fapam
Graduada em Letras – Fapam
Especialização em Educação – Faculdades Claretianas
Ensino de Língua Portuguesa-Prepes – Puc Minas
Tecnologia da Informação e da Comunicação no Ensino Fundamental – UFJF
Educação e Empreendedorismo- UFSJ
Mestranda do Profletras - UFMG
silvana.ap.batista1@gmail.com

Resumo

Este artigo objetiva refletir sobre questões ortográficas, buscou-se identificar e classificar as ocorrências dos casos de escrita que refletem a fala, abordando aspectos linguísticos e gramaticais, principalmente, fonológicos. Para esse intento, foram analisadas 07 cartas do projeto Cartas ao Papai Noel: a escrita em Minas Gerais, núcleo NUVEPAR da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pelo professor Dr. Lorenzo Teixeira Vitral. Os sujeitos das cartas são 03 jovens meninas e 04 jovens meninos, cuja faixa etária é de 11 a 16 anos. Para a realização desta análise, consideraram-se as contribuições de autores como Kato (1986), Lemle (1988), Oliveira e Nascimento (1990), Cagliari (2006) entre outros. Foram elencados 48 situações próprias da oralidade, confirmando o fato de na escrita a representação da fala acontecer muitas vezes por não se dominar as convenções da língua escrita, prevalecendo o domínio da modalidade oral da linguagem.

Palavras-chave: Escrita. Oralidade. Ortografia

Abstract

This article has the objective to reflect on grammatical issues, identifying and classifying the occurrences of writing cases that reflect the speech, approaching linguistics and grammatical, especially phonological, aspects. For this purpose, 07 “Cartas ao Papai Noel” project’s letters were analyzed: the writing in Minas Gerais, NUVEPAR core from the Federal University of Minas Gerais, coordinated by the professor Dr. Lorenzo Teixeira Vitral. The subjects of the letters are 03 young girls and 04 young boys, with age between 11 and 16 years old. To carry out this analysis, the contribution of authors like Kato (1986), Lemle (1988), Oliveira e Nascimento (1990), Cagliari (2006), among others, were considered. 48 orality situations were listed, confirming the fact that when writing, the representation of speech happens most of the time without dominating the written language conventions, prevailing the oral language mode domain.

Key words: Writing. Orality. Orthography.

1. INTRODUÇÃO

A análise aqui apresentada tem por objetivo refletir sobre questões ortográficas, buscou-se identificar e classificar as ocorrências dos casos de escrita que refletem a fala, abordando aspectos linguísticos e gramaticais, principalmente, fonológicos. Para esse intento, foram analisadas 07 cartas (números 354, 355, 356, 408, 409, 420 e 411) do projeto Cartas ao Papai Noel: a escrita em Minas Gerais, núcleo NUVEPAR da Universidade Federal de Minas Gerais, coordenado pelo professor Dr. Lorenzo Teixeira Vitral. Os sujeitos das cartas são 03 jovens meninas e 04 jovens meninos, cuja faixa etária é de 11 a 16 anos. Procuraram-se nessas cartas os casos de escrita que refletem a fala, tais como sândi, um fenômeno de ligação interna e externa de segmentos, elisão, degeminação, ditongação, monotongação, haplologia, OCP e outros casos. Para a realização desta análise, consideraram-se as contribuições de autores como Kato (1986), Lemle (1988), Oliveira e Nascimento (1990), Cagliari (2006) entre outros. No *corpus* disponibilizado para o estudo, não se têm dados sobre o nível de letramento em que os sujeitos das cartas estão inseridos nem a que métodos de alfabetização foram submetidos. Os critérios e metodologia utilizados nesta investigação são:

- 1º leitura do *corpus* – sete cartas de jovens meninas e meninos, na faixa etária de 11 a 16 anos,
- 2º levantamento dos erros,
- 3º análise de fenômenos fonéticos que traduzem as marcas da oralidade fundamentada na análise de erros de Oliveira e Nascimento (1990), a qual conta com oito classes diferentes segundo o aspecto da escrita que esteja sendo violado, Lemle (1988) e Cagliari (2006).

Independentemente do nível de letramento, do método utilizado na alfabetização e de como o erro é tratado nesse método, é importante ressaltar que a ortografia não pode ser vista só como mais um conjunto de normas a ser seguido, mas como a base que refletirá o processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, se a ortografia não for aprendida e apreendida corretamente, segundo Cardoso e Sutil (2014, p.54), “o aluno levará consigo, por toda a sua vida escolar, inúmeros equívocos”, conforme os resultados ora apresentados.

2. A FALA E A ESCRITA

Kato (1987, p.11-30) diferencia a fala (adquirida) da escrita (aprendida) ressaltando que há uma *isomorfia* parcial entre a linguagem oral e a escrita, descreve que, na fase inicial (na alfabetização), a escrita tenta representar a fala, e, posteriormente (sujeito letrado) é a fala que tenta representar a escrita.

Entretanto, tudo isso ocorre de forma parcial, pois cada uma tem as suas particularidades e variações dependendo do nível de letramento em que o sujeito está inserido bem como as diferentes condições de produção. Ainda segundo a autora, a linguagem escrita não pode ser tratada como um conjunto de propriedades formais e invariantes é preciso levar em consideração a dependência contextual, o grau de planejamento, a submissão consciente às regras prescritivas convencionalizadas para a escrita.

Segundo Lemle (1988, p. 13) há cinco conhecimentos que permitem os saberes básicos para a alfabetização, os quais podem ser atingidos de forma espontânea pelos sujeitos, mas que também podem e muitas vezes devem (principalmente quando o sujeito não frequentou a pré-escola) ser estimulados para que a alfabetização ocorra de modo “tranquilo”. Os cinco conhecimentos/problemas que o sujeito precisa compreender e superar para o processo de aquisição da escrita são:

- 1º a ideia de símbolo;
- 2º a discriminação das formas das letras;
- 3º a discriminação dos sons da fala;
- 4º a consciência da unidade da palavra;
- 5º a organização da página escrita.

A partir disso, a autora (p.26-36) propõe quatro etapas que determinam certa gradação de facilidade na aprendizagem das letras e que de certa forma marcam em que ponto da alfabetização o “erro” cometido pelo sujeito pode ser atacado ou em que fase da alfabetização o sujeito se encontra.

- ✓ **A primeira etapa da alfabetização:** a teoria do casamento monogâmico entre sons e letras, relação biunívoca, a letra é o som e o som é a letra; o aprendiz percebe que na escrita há a representação dos sons da fala, para ele nesse momento cada letra representa

um som e cada som tem a sua letra, é um momento maravilhoso de encantamento, mas deve durar pouco tempo;

- ✓ **A segunda etapa da alfabetização:** a teoria da poligamia com restrições de posição é a rejeição da hipótese da monogamia, um som se casa com várias letras _ pode ser representado por várias letras ou a poliandra em que uma letra se casa com vários sons ou pode representar vários sons em contextos diferentes;
- ✓ **A terceira etapa:** as partes arbitrárias do sistema, teoria da poligamia com restrição de posição e casos de concorrência, mais de uma letra representando o mesmo som em um mesmo contexto, não há uma explicação lógica, dura toda a vida, ninguém está livre da dúvida;
- ✓ **A quarta etapa:** um pouco de morfologia, neste ponto são as regularidades ligadas à morfologia das palavras, por exemplo, o uso dos sufixos, ou seja, como a morfologia explicaria certas formas de escrever algumas palavras.

Lemle (1988) categoriza os erros em falhas de primeira ordem, segunda ordem e terceira ordem.

Já Oliveira e Nascimento (1990, p.38) definem erro como algo relativo, segundo eles “*só se pode apontar um erro se se tiver em vista o nível de escrita que está sendo violado*”; como o tipo de escrita (traçado das letras, por exemplo), regras de relação entre o fonema e o grafema ou ainda a representação oficial de determinadas palavras (por exemplo, os homônimos).

Pode – se inferir então que o sujeito comete o “erro” numa situação específica, numa tentativa de se adequar à escrita e não aleatoriamente, o que nos leva a entender que cada erro tem a sua natureza, portanto demanda diferentes formas de agir sobre ele. Dessa forma, a análise de erro da ortografia é muito importante.

Cagliari (2006, p.146) corrobora a importância da análise de erro ao afirmar que é indispensável que o professor faça um levantamento dos erros e dificuldades de seus alunos. Segundo o autor, “*todo professor deveria realizar essa diagnose dos erros de seus alunos pelo menos uma vez, para poder realizar um trabalho mais direcionado em sala de aula*”.

3. APRESENTAÇÃO DOS ERROS ENCONTRADOS NAS CARTAS

Para a análise dos erros, mencionaremos primeiro os fenômenos que podem ter acontecido por marcas da oralidade, em seguida uma breve explicação sobre o fenômeno e após

exemplificaremos os casos com recortes das cartas. Os itens 4.16, 4.17 não retratam uma situação de representação da fala na escrita, mas merecem a atenção dos alfabetizadores.

3.1. Junção de Fronteiras / Sândi Externo

De acordo com Lemle (1988, p.10), é a falta de separação onde existe uma fronteira vocabular ou como Oliveira e Nascimento (1990, p. 40), as relações opacas, a disposição gráfica da escrita não corresponde exatamente às unidades que se destacam na fala, palavras fonológicas não correspondem às palavras morfológicas, formando, por vezes, grupos de força. O sujeito usa de estratégias para criar a noção de palavra, por exemplo, as formas átonas se apoiam em um núcleo formando uma unidade acentual, preferencialmente paroxítona.

A. *Relações opacas entre palavras morfológicas e palavras fonológicas*

Fig.01: Carta 408 – Jovem menino – 14 anos



Transcrição: AMINHA mãe / artigo feminino + pronome possessivo

a minha mãe – 3 palavras morfológicas X a minha mãe – 2 palavras fonológicas

Fig.02: Carta 408 – Jovem menino – 14 anos



Transcrição: PORISO / conjunção conclusiva + pronome

Por isso – duas palavras morfológicas X poriso / uma palavra fonológica

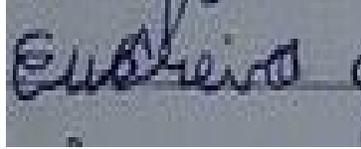
Na fala, no contexto V - - V, o grafema R é pronunciado como uma africada, /r/

Fig. 03: Carta 411 jovem menino – 13 anos



Transcrição: MINDA e MIDA / pronome pessoal oblíquo + verbo me dar - 2 palavras morfológicas
X minda e mida um palavra fonológica

Fig. 04: Carta 411 jovem menino – 13 anos

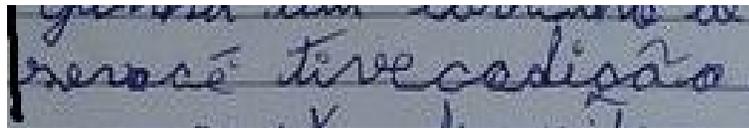


Transcrição: EUCREIO / pronome + verbo

Eu creio – 2 palavras morfológicas X Eucreiro - 1 palavra fonológica

B. Relação opaca entre palavras morfológicas e grupos de força

Fig. 05: Carta 411 jovem menino – 13 anos

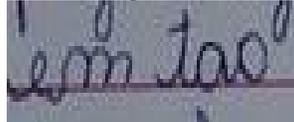


Transcrição: SEVOCÊ / conjunção condicional + pronome TIVECODIÇÃO / verbo + substantivo
se você tiver condição – 4 palavras morfológicas
sevocê tivecodição – 2 grupos de força

3.2. Separação Vocabular

O sujeito não demonstra consciência na distinção do início e término de uma palavra.

Fig.06: Carta 356 – jovem menina – 16 anos



Transcrição: EM TAO / advérbio

então 1 palavra morfológica X em tao 2 palavras fonológicas

A pronúncia do advérbio “então” é idêntica à da expressão “em tão” (“em” preposição + “tão” advérbio de intensidade).

Fig.08: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



Transcrição: fisio DE MAIS tenham / advérbio

Difícil demais tenham

A pronúncia do advérbio DEMAIS é idêntica à da expressão DE MAIS (preposição “de” e advérbio “mais”)

3.3. Metaplasmo por Supressão: Apócope

Nome dado ao fenômeno que suprime um fonema no final de um vocábulo.

A. Apagamento no final das palavras do / R /

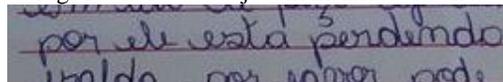
O arquifonema / R / tende a ser suprimido em posição de cada final de verbos no infinitivo, no subjuntivo e de adjetivos, nos contextos C V_ _ ##, quando seguido de palavras iniciadas por consoante ou por vogal nasal / ã / e ainda seguida de pausa.

Fig.09: Carta 355- jovem menina – 13 anos



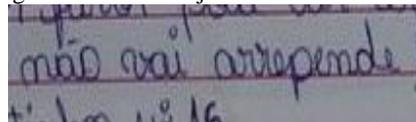
Transcrição: kit ESCOLA com / adjetivo **escolar**

Fig. 10: Carta 356 – jovem menina – 16 anos



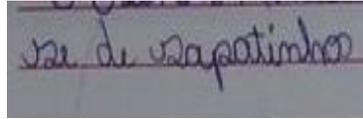
Transcrição: por ele ESTA perdendo / por ele **estar** perdendo

Fig. 11: Carta 356 – jovem menina – 16 anos



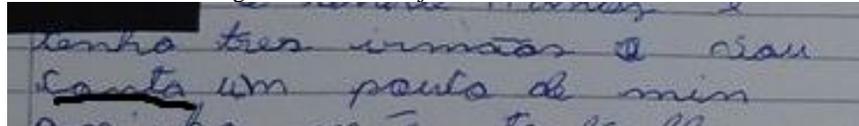
Transcrição: não vai ARREPENDE / verbo **arrepender**

Fig. 12: Carta 356 – jovem menina – 16 anos



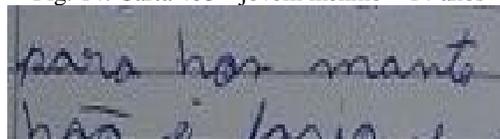
Transcrição: se DE sapatinhos / verbo dar no subjuntivo **der**

Fig. 13: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



Transcrição: tenho três irmãos e vou CONTA um pouco de min / verbo **contar**

Fig. 14: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



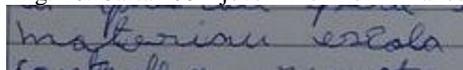
Transcrição: para nos MANTE / verbo **manter**

Fig. 15: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



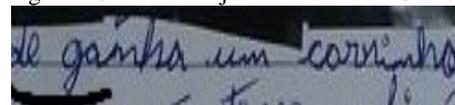
Transcrição: pode PERDE / verbo **perder**

Fig. 16: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



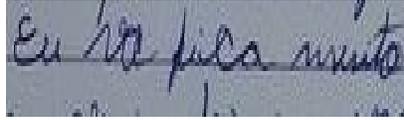
Transcrição: materiau ESCOLA / adjetivo **escolar**

Fig. 17: Carta 411 – jovem menino – 13 anos



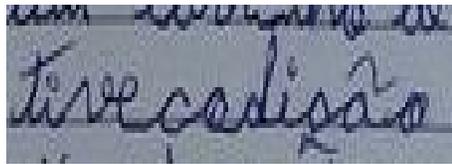
Transcrição: de GANHA um carrinho / verbo **ganhar**

Fig. 18: Carta 411 – jovem menino – 13 anos



Transcrição: Eu vo FICA muito / verbo **ficar**

Fig. 19: Carta 411 – jovem menino – 13 anos

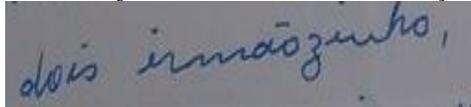


Transcrição: TIVECODIÇÃO, verbo ter no subjuntivo **tiver** , percebem-se ainda dois fenômenos nessa passagem: a junção de palavras e o apagamento do som nasal

B. Apagamento no final das palavras do / S /.

Em marcação de plural em que apenas o / S / é acrescido à palavra, ele tende a desaparecer, marca da economia vocabular, no contexto C V _ _ _ #

Fig.20: Carta 356 – jovem menina – não há informação da idade.



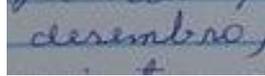
Transcrição: dois IRMÃOZINHO / substantivo **irmãozinhos**

3.4 / S / ; / Z / Representados por Grafemas Diferentes

De acordo com Lemle (1988), essa é uma relação entre sons e letras de terceira ordem, em que duas letras estão aptas para representar o mesmo fonema em um mesmo contexto ou em contextos diferentes, Oliveira e Nascimento (1990) tratam esse aspecto como convenções invariantes, mas é possível que a convenção funcione apenas no sentido grafema/fonema: o grafema S no contexto V _ _ _ V só pode representar o fonema /Z/, para o fonema /S/ acontecer nesse mesmo contexto é necessário que o grafema S seja dobrado ou outros grafemas sejam acionados.

A. A sibilante [z] + vozeada no contexto: v _ _ _ _ _ v em que deve ser representada pelo grafema z

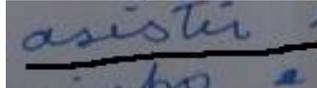
Fig.21: Carta 409 – jovem menino – 14 anos



Transcrição: DESEMBRO / substantivo **dezembro**

B. A sibilante [S] - vozeada no contexto: V _ _ _ _ _ V em que deve ser representada pelo grafema S dobrado e pelos grafemas C e Ç

Fig.22: Carta 354 – jovem menina – 13 anos



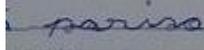
Transcrição: ASISTIR / verbo **assistir**

Fig. 23: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



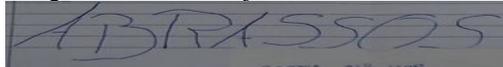
Transcrição: NOSA / pronome **noosa**

Fig. 24: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



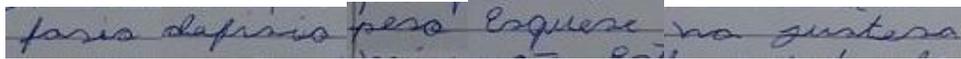
Transcrição: PORISO / expressão por **isso**

Fig. 25: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



Transcrição: ABRASSOS / substantivo **abraços**

Fig. 26: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



Transcrição: FASIO / DEFISIO / PESO/ ESQUESE / NA JUSTESA = adjetivos **fácil / difícil**;
verbos **peço / esqueci /**; substantivo **justiça**

B. A sibilante [S] – vozeada em contexto diferente C\$ _ _ _ _ _ V

Fig. 27: Carta 355 – jovem menina – 13 anos



Transcrição: BOLSSOS / substantivo **bolsos**

Pode - se considerar nesse contexto que a líquida / l / é pronunciada como uma glide labializada [w], então por analogia que entre sons vocálicos dobra-se o grafema ‘ S’ pode-se inferir que houve um caso de hipercorreção

3.5. Fenômeno da Ditongação

A ditongação, segundo, Aragão (2000, p. 112),

é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim existência no sistema da língua, mas sua realização na fala. A partir disso, está à mercê das variações de todos os tipos das puramente linguísticas, ligadas ao contexto fonético imediato, anterior posterior, à velocidade de elocução ou tamanho da palavra (...)

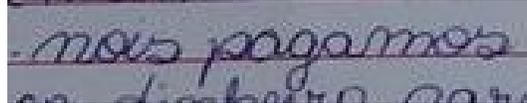
Fig.28: Carta 354 – jovem menina -13 anos



Transcrição: um FAVOU / substantivo **favor**

Nesse contexto C V _ _ _ ##, o fenômeno mais comum é o sândi externo, talvez a ditongação tenha acontecido por distração.

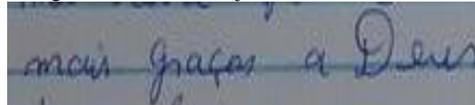
Fig.29: Carta 356 – jovem menina 16 anos



Transcrição: NOIS pagamos / pronome **nós**

É interessante que esse tipo de ditongação ocorre apenas em vocábulo tônico,

Fig. 30: Carta 356 – jovem menina 16 anos

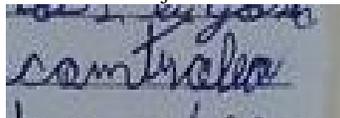


Transcrição: MAIS graças a Deus / conjunção **mas**

O uso de MAIS no lugar de MAS apareceu também na cartas 354 – jovem menina e 410 – jovem menino

No contexto de monossílabo constituído por uma consoante, uma vogal tônica e uma sibilante, facilmente acontece a ditongação na oralidade indiferente se se trata de um alfabetizando ou de um adulto já letrado.

Fig. 31: Carta 411 – jovem menino -13 anos

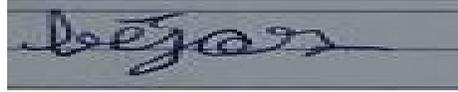


Transcrição CONTROLEO / adjetivo **controle**

3.6. Fenômeno da Monotongação

A monotongação é um processo fonético em que há “a redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação (...)” conforme Aragão (2000, p.112). A monotongação pode ser considerada uma variação fonética, de facilidade de articulação ou ainda uma marca sociolinguística e dialetal. Esse fenômeno só apareceu em uma carta.

Fig. 32: Carta 411 – jovem menino -13 anos



Transcrição BÊJOS / substantivo **beijos**

3.7. Troca de Grafemas Nasais

Segundo Lemle (1988, p. 40), essa falha pode ser considerada de segunda ordem, o aprendiz ainda se encontra retido na etapa da monogamia da sua teoria de correspondência entre sons e letras, ignora as particularidades na distribuição das letras.

A. relação entre fonemas e grafemas

Fig. 33: Carta 411 – jovem menino -13 anos



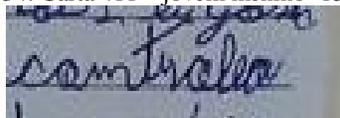
Transcrição: BOMITO / adjetivo **bonito**

As nasais [m] [n] diferem apenas no ponto de articulação uma é labial e a outra é alveolar, são pontos muito próximos o que pode não ter sido ainda percebido pelo sujeito.

B. a inexistência de fonemas nasais ([m] e [n]) na pronúncia das palavras nos contextos V_ _ _ C ou CV_ _ _

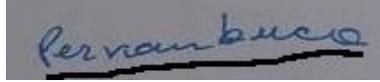
A nasalação diferencia na escrita apenas por convenção ortográfica, já que fonologicamente a vogal nasal é marcada igualmente em qualquer situação.

Fig. 34: Carta 411 – jovem menino -13 anos



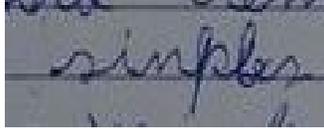
Transcrição: COMTROLE / substantivo **controle** [kō'trolɪ]

Fig. 35: Carta 354 – jovem menina -13 anos

A photograph of a handwritten word 'Pernambuco' in blue ink on a white card. The word is written in a cursive script and is underlined with a thick black line.

Transcrição: PERNANBUCO / substantivo **Pernambuco** [pefnã`bucõ]

Fig.36: Carta 408 – jovem menino – 14 anos

A photograph of a handwritten word 'simples' in blue ink on a white card. The word is written in a cursive script.

Transcrição: SINPLES / adjetivo **simples** [ˈsĩplis]

Fig.37: Carta 408 – jovem menino – 14 anos

A photograph of a handwritten phrase 'de mim' in blue ink on a white card. The words are written in a cursive script.

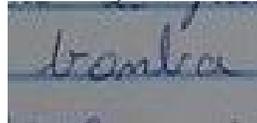
Transcrição: de MIN / pronome **mim** [mĩ]

Fig.38: Carta 409 – jovem menino -14 anos

A photograph of a handwritten phrase 'Bon dia' in blue ink on a white card. The words are written in a cursive script.

Transcrição BON dia / adjetivo **bom** [bõ]

Fig.39: Carta 409 – jovem menino -14 anos

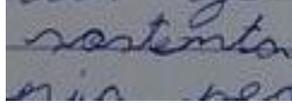
A photograph of a handwritten word 'bomba' in blue ink on a white card. The word is written in a cursive script.

Transcrição: BONBA / substantivo **bomba** [ˈbõbə]

3.8. Hipercorreção [E] no lugar de [I], [O] no lugar de [U]

Considera-se como uma falha de segunda ordem, segundo Lemle(1988)

Fig.40: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



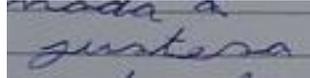
Transcrição : SOSTENTA / verbo **sustentar**

Fig.41: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



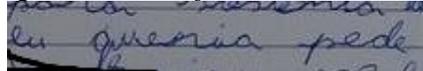
Transcrição: ESQUESE / forma verbal **esqueci**

Fig.42: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



Transcrição: JUSTESA / substantivo **justiça**

Fig.43: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



Transcrição: eu queria PEDE / verbo **pedir**

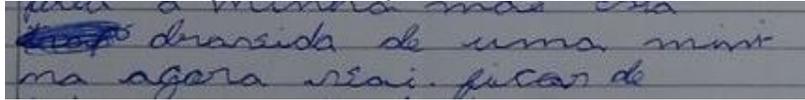
3.9. Alçamento vocálico

[I] no lugar de [E]

Segundo Bisol (1981) apud Lemos (2001), a elevação das vogais é influenciada por múltiplos fatores dentre os quais destaca-se a harmonização vocálica em que a vogal média pretônica assimila a altura da vogal alta presente na sílaba tônica. Assim, a vogal média alta [e]

presente em m[e]n[i]na se condiciona a ser realizada como a vogal alta [i] devido à influência exercida pela vogal alta [i] presente na sílaba tônica.

Fig.44: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



Transcrição: dravida de uma MININA agora vai ficar de / substantivo **menina**

3.10. Fenômeno da despalatização

Eliminação da sílaba **nh**o , reduzindo a palavra carrinho a duas sílabas, nasalizando a última sílaba ora com a nasal [m] ora com [n]

Fig. 45: Carta 408 – jovem menino – 14 anos

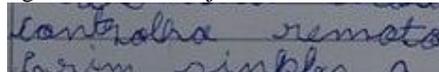


Transcrição: CARIN / CARIM - substantivo **carrinho**

3.11. Fenômeno da palatização

Nome dado à transformação de um ou mais fonemas em palatal

Fig. 45: Carta 408 – jovem menino – 14 anos

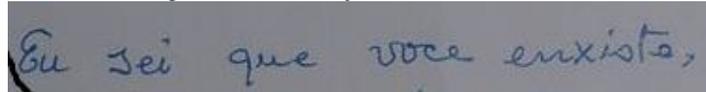


Transcrição: CONTROLHO remoto

3.12. Fenômeno da nasalação

Nome dado à transformação de um fonema oral a um nasal.

Fig.46: Carta 354 – jovem menina -13 anos

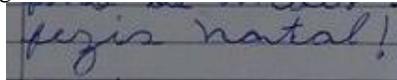


Transcrição: Eu sei que você ENXISTE / verbo **existe**

3.14. Troca do /L/ por /Z/

Considerado como erro de segunda ordem, o sujeito ainda não distingue o modo de articulação de uma lateral alveolar vozeada com o de uma fricativa alveolar vozeada, nem o ponto de articulação de uma fricativa alveopalatal vozeada com o de uma fricativa alveolar vozeada

Fig. 47: Carta 411 – Jovem menino – 14 anos



Transcrição: FEZIS natal Reformulação: feliz natal

3.15. Palavras estrangeiras

O sujeito tenta transferir para escrita o som que ele ouve de uma língua estrangeira, fazendo com se pareça o mais possível com a língua portuguesa, nessa tentativa muitas vezes criam expressões por analogia.

Fig.48: Carta 355 – jovem menina 13 anos



Transcrição: lápis de cor com 24 lapis da FABRICA CASTELO

Reformulação: **FABER CASTELL**

3.16. Violação do tipo de escrita, não se trata de representação da fala na escrita

O português é predominantemente alfabético. O nosso alfabeto é composto por letras que devem ser traçadas de determinadas formas convencionadas para a escrita ou de maneiras diferentes conforme sejam maiúsculas ou minúsculas, cursiva ou de forma, ou ainda, de acordo com o estilo de cada um, os alógrafos.

A-1 o sujeito não percebeu quais são as unidades que a escrita alfabética pretende representar.

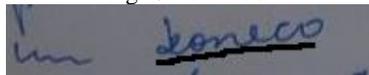
Não foram encontrados casos nas cartas analisadas.

A-2 uma letra não é traçada corretamente, por incapacidade de o sujeito fazer discriminações visuais ou por pura distração;

Ex.: **Carta 354** – Jovem menina – (não mencionou a idade)

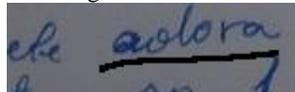
Nestes casos considerou-se pura distração, uma vez que em outras as passagens as letras B e D foram traçadas corretamente.

Fig.49: Carta 354



Reformulação: boneco

Fig.50: Carta 354



Reformulação: adora

Nesses casos, considerou-se pura distração, uma vez que não foi recorrente.

Fig.51: Carta 354



Reformulação: pareço

Fig.52: Carta 354



Reformulação: sou parecido

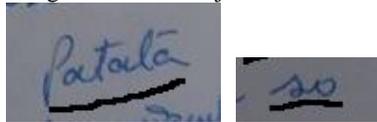
O sujeito usou o alógrafo P sempre maiúsculo, independente da posição na frase, e de forma confusa, violando uma regra que diz respeito à forma do texto.

3.17. Erros de acentuação, uma entrada de dicionário inclui ou exclui um acento.

São erros muito frequentes, em uma transcrição fonológica a tonicidade é marcada na sílaba e não na vogal como na escrita.

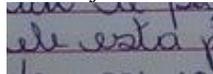
A. oxítonas e monossílabas tônicas terminadas em [a], [e]

Fig.53: Carta 354- jovem menina-



[pata'ta] [ˈso]

Fig.54: Carta 356- jovem menina- 16 anos



[is'ta]

Fig. 55: Carta 408 – jovem menino – 14 anos



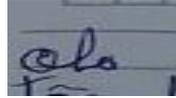
[ˈtres] [ˈe] [is'ta]

Fig.56: Carta 409 – jovem menino – 14 anos



[vo´ses] [zá] [´têj]

Fig. 57: Carta 411 – jovem menino – 13 anos



[o´la]

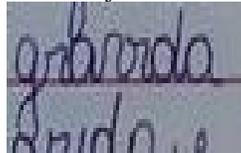
B. paroxítona e proparoxítona

Fig.58: Carta 355 jovem menina- 13 anos



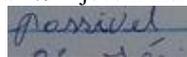
[lápis] [´agwə]

Fig.59: Carta 356- jovem menina- 16 anos



[´gravidə]

Fig. 60: Carta 409 – jovem menino – 14 anos



[po´sivew]

4. CONCLUSÃO

As análises acima corroboram os dizeres de Lemle (1988) quando ela afirma que só será capaz de escrever aquele que conhece, percebe as unidades sucessivas de sons presentes na

enunciação das palavras e consegue distingui-las conscientemente, ou seja, o sujeito só será bem sucedido na escrita se souber distinguir com precisão o início e o término dos vocábulos, as pequenas diferenças no ponto de articulação dos segmentos consonantais e as nuances de altura das vogais. Assim, nos dizeres de Oliveira e Nascimento (1990), o sujeito comete o “erro” numa situação específica, o que nos leva a entender que cada erro tem a sua natureza, portanto demanda diferentes formas de agir sobre ele. O papel do professor-pesquisador é interar-se sobre essas situações e ajudar o educando a passar pela etapa da alfabetização com maior tranquilidade, de modo que no futuro, apenas erros de terceira ordem, de acordo com Leme (1988), possam vir a fazer parte da escrita, não de forma constante, mas nas questões mínimas de convenções ortográficas da língua, não relacionadas a pontos de articulação, por exemplo. O professor deve mostrar àqueles que lhe foram confiados que a língua escrita é diferente da oral, tem suas próprias regras.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. **Ditongação X Monotongação no falar de Fortaleza**. Revista Graphos, v. 5, n. 1, 2000. Disponível em <
<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/9349> > acesso em 01 jul.2016
- BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4^a. edição, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10^a ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- CARDOSO, Helen Rodrigues; SUTIL, Cassiane Garcez Flores. **A construção da ortografia durante o processo de alfabetização**. Disponível em <
<http://periodicosuniarp.com.br/professare/article/download/335/308>> acesso em 02 jul.2016
- KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita – uma perspectiva psicolinguística**. Série fundamentos. São Paulo, Editora Ática, 1986. 144 p.
- LEMLE, M. **Guia Teórico do Alfabetizador**. Série princípios. São Paulo: Editora Ática, 1988. 72 p.
- LEMONS, Fernando Antônio P. **O alçamento das vogais médias pretônicas e postônicas mediais**. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9\(26\)12](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/9(26)12). Acesso em 01 jul 2016
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis e CAGLIARI, Luiz Carlos. **Diante das Letras: a escrita na alfabetização**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. 238 p.

OLIVEIRA, M. A. de ; NASCIMENTO, M do . Da Analise de Erros Aos Mecanismos Envolvidos Na Aprendizagem da Escrita. *EDUCACAO EM REVISTA*, v. 12, n.1, p. 33-43, 1990